

Os mecanismos de protesto no conteúdo cultural de *O Estado Interessante*¹

Edison MINEIRO²
Gleide BARBOSA³
Rhauan MACEDO⁴
Thaís SIQUEIRA⁵
Thamyres SOUSA⁶

Universidade Federal do Piauí – UFPI, Teresina, PI

Resumo

O presente artigo buscou analisar as manifestações de protesto político nas páginas culturais do suplemento alternativo *O Estado Interessante*. O impresso era um encarte do jornal *O Estado*, produzido por um grupo de jovens de classe média, durante a ditadura militar no Brasil. Foram analisadas duas edições, de um total de 15 publicações do suplemento. A pesquisa centrou-se na análise de conteúdo, buscando demonstrar o modo como o grupo de jovens transmitia a sua insatisfação com o regime ditatorial. A crítica acontecia nas entrelinhas das 12 páginas de cada uma das edições. Em seus textos, os autores também exploravam a valorização da cultura local. Para isso, foi necessário entender o cenário político nacional e regional, e posteriormente conhecer os impressos alternativos de oposição ao regime vigente. É neste contexto que se tomou como objeto de estudo *O Estado Interessante*.

Palavras-chave: Ditadura militar, jornalismo alternativo, *O Estado Interessante*, cultura

Introdução

O presente artigo tem como objeto de estudo o suplemento dominical *O Estado Interessante*, publicação que circulava em Teresina na década de 70 como um encarte do jornal *O Estado*. Nesse momento, o Brasil passava pela ditadura militar, regime de opressão e de cerceamento de liberdades, no qual a imprensa foi um dos setores que sofreu intervenção.

No Piauí, o militarismo também se fez presente, mesmo que de forma pouco intensa, mas o suficiente para despertar nos jovens piauienses o desejo de luta pela democracia. Diante desse cenário e inspirado por outros alternativos da época, surgiu *O*

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduando no 7º semestre em Comunicação Social: Hab. em Jornalismo pela Universidade Federal do Piauí- UFPI e membro do Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Comunicação- NUJOC, email:edison.mineiro@hotmail.com

³ Graduanda no 7º semestre em Comunicação Social: Hab. em Jornalismo pela Universidade Federal do Piauí- UFPI, email:gleidebarbosa21@hotmail.com

⁴ Graduando no 7º semestre em Comunicação Social: Hab. em Jornalismo pela Universidade Federal do Piauí- UFPI, email:rhauanmacedo@hotmail.com

⁵ Graduanda no 7º semestre em Comunicação Social: Hab. em Jornalismo pela Universidade Federal do Piauí- UFPI, email:thaissique@hotmail.com

⁶ Orientadora do trabalho. Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação pela Universidade Federal do Piauí - UFPI, email:sousathamyres@yahoo.com

Estado Interessante, idealizado por jovens teresinenses, com o objetivo de contrapor a gestão ditatorial e trazer uma maior visibilidade à cultura nacional e local.

Tendo em vista tal conjuntura, essa pesquisa busca perceber os mecanismos de protesto encontrado no suplemento cultural. Foi utilizado como embasamento teórico o jornalismo alternativo durante a ditadura militar através dos estudos de Bernardo Kucinski, Marcela Miranda, José Pereira Bezerra e outros.

A pesquisa se deu através da análise documental de periódicos alternativos da década de 1970. O acesso ao material foi possível, por meio do Acervo do Núcleo de Pesquisa em Comunicação e Jornalismo (NUJOC), da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Para verificar a manifestação de protesto localizada dentro do suplemento *O Estado Interessante* utilizou-se a análise de conteúdo.

Inicialmente buscou-se apresentar o cenário em que se desenvolveu o caderno cultural *O Estado Interessante* que emergiu durante a ditadura militar no Brasil, em meio a explosão de jornais alternativos que contestavam o regime vigente. Posteriormente analisou-se duas edições de um total de 15 publicações do alternativo. Por fim se averiguou no conteúdo do impresso, o modo como nas entrelinhas os editores esboçavam sua insatisfação com cenário político nacional e local.

Contextualizando o momento

A ditadura militar foi instalada, institucionalmente, no Brasil em 31 de março de 1964, permanecendo até 15 de março de 1985. Período que foi marcado pela presença de militares no governo brasileiro. Nesses 21 anos de ditadura, o país foi governado por cinco Generais Presidentes: Castelo Branco, Costa e Silva, Médici, Geisel e Figueiredo.

Em 15 de março de 1967, o Marechal Artur Costa e Silva assumiu a presidência do país contra a vontade do Marechal Castelo Branco, pois tinha total apoio dos comandados, uma vez que o novo presidente havia sido presidente Ministro do Exército brasileiro. Durante o seu mandato, uma nova constituição foi imposta onde dava grande poderes ao presidente da república, mas a mesma não passou novas modificações por causa de uma Ementa Constitucional que restringia apenas ao presidente Costa e Silva a formulação de algumas leis.

Insatisfações com a política, economia e a falta de liberdade e segurança levaram milhares de pessoas às ruas em protesto ao governo autoritário, entre eles estavam estudantes, operários, alguns políticos e religiosos. Para conter a onda de manifestações que começava a se espalhar pelo país, o Governo reagiu de maneira mais violenta e estabeleceu o Ato Institucional de número 5 em 1968.

Com o Ato Institucional número 5, implantado no governo do Marechal Artur Costa e Silva, potencializou-se o regime. As liberdades individuais foram restringidas e criou-se um sistema para acompanhar com profundidade os veículos de comunicação que, por sua vez, também se utilizaram de estratégias para demonstrar seu descontentamento com a situação que o país passava (ROMANCINI e LAGO, 2007, p. 129).

O governo de Emilio Garrastazu Médici ficou conhecido como os anos de chumbo, período que vai de 1969 a 1974, os piores anos para o jornalismo. Todas as formas de expressão artísticas, jornais, revistas, peças de teatro, filmes, músicas e outras formas de expressão teriam que passar pelo controle da censura do governo. Por outro lado, os jornais de grande circulação como O Globo e Folha de São Paulo se renderam ao regime, enaltecendo o crescimento econômico do país por meio de propagandas. Porém, por trás desse crescimento econômico apresentado em algumas mídias a dívida externa do país só aumentava.

No governo de Ernest Geisel, de 1974 a 1979, deu-se início a ação democratizante, com a redução da censura sobre os meios de comunicação, direcionando-se mais aos jornais. O novo presidente fazia parte de um grupo de oficiais militares favoráveis ao retorno gradual do poder para os civis e, por isso, estava disposto a promover uma abertura “lenta, gradual e segura” (GOMES, 2002). Nesse período o país passava por uma estagnação econômica e a população se encontrava insatisfeita com as ações do governo.

No Piauí, a situação não era diferente. Entretanto a censura não era tão intensa quanto em nível nacional. Durante a ditadura militar o estado foi governado por Petrônio Portella, que de início se mostra contra o governo, mas acaba cedendo ao regime.

No momento em que a Nação se encontra a braços com ameaças de sedição; no instante em que do Sul do País chegam notícias inquietantes demonstrativas da possibilidade de vir o nosso País a ser engolfado pela subversão ameaçadora das instituições democráticas. Cumpro o inarredável dever de levar ao conhecimento dos piauienses que o Governo do Piauí permanece hoje, como ontem, no firme propósito de defender, sem medir sacrifícios e indo às últimas consequências, a ordem democrática, os poderes constituídos, em suma, o império da Constituição. Confio em que o povo colaborará com o Poder Público na preservação da ordem constitucional (BRANDÃO, 2006, p.178).

Logo em seguida em 12 de setembro de 1966 é eleito Helvídio Nunes pela ARENA. É quando foi implantado o bipartidarismo, Aliança Renovadora Nacional (ARENA) e Movimento Democrático Nacional (MDB) que eram as únicas opções para o eleitor.

Em 15 de março de 1971, foi eleito por meio de eleições indiretas, o engenheiro Alberto Silva, dando início uma série de reformas, construções, criação de órgãos e projetos sociais. Seu mandato foi marcado por grandes obras, como a reforma do Hospital Getúlio Vargas, a construção de estradas e do estádio Albertão. Essas obras renderam alta popularidade para Alberto Silva e ele foi eleito um dos melhores governadores do Governo de Médici (NETO, 2010).

A Grande Imprensa divulgava o chamado “Milagre Econômico” que ressaltava obras do governo federal, mas em contrapartida a pobreza e a concentração de renda aumentava. No Piauí, os meios de comunicação também estavam limitados pela censura imposta pelo governo que os impedia de divulgar qualquer fato que manchasse a sua imagem. As publicações tentavam transmitir uma falsa sensação de prosperidade econômica.

O Piauí, contagiado por esse surto de prosperidade que assinalou o ano de 1971 no Brasil inteiro, apresentou um saldo acima das expectativas e passou a contar com o indispensável crédito dos demais Estados refazendo-se dos prejuízos passados em que estava em grande descompasso com o desenvolvimento regional. Uma nova imagem surgiu e o seu progresso já é palpável (JORNAL O DIA, 1972).

Após o governo de Alberto Silva, segue o mandato de Dirceu Arcoverde que teve início em 15 de março de 1975. Na gestão, o estado teve a sequência de obras grandiosas, como o Centro de Convenções, o Ginásio de Esportes Verdão, a Estação de Tratamento de Água, o processo de urbanização e modernização das vias de Teresina, em que as famílias carentes foram removidas do centro para áreas periféricas.

Sendo assim, em um período de cerceamento da liberdade de imprensa e autoritarismo político ocorre uma ascensão de jornais alternativos. Estas ferramentas atuavam como porta-voz de uma sociedade insatisfeita com a situação que vigorava.

A Imprensa Alternativa no Brasil: a outra face da imprensa durante a ditadura

Em meio a esse período marcado por repressões e censura aos meios de comunicação e as produções culturais, surgem grupos de oposição ao autoritarismo vigente, como os movimentos estudantis que viabilizaram grandes passeatas. É nesse contexto que se destacou o jornalismo alternativo (ou underground, marginal, imprensa nanica, entre tantos outros nomes a ele destinados). Esse foi a forma que muitos jornalistas encontraram para denunciar os abusos, torturas e crimes que eram praticados contra quem não concordava com o regime militar.

Apesar do cerceamento imposto à imprensa, segundo Kucinski (2001), foi por meio da mídia que muitos desses anseios contrários à ditadura militar foram expressos. Surgia assim a imprensa alternativa que iniciou no Brasil com a finalidade de contestar e desmascarar um sistema que se mostrava democrático, mas na verdade, era um regime autoritário.

Os pasquins serviram de inspiração para a maioria dos jornais alternativos nos anos 70. A principal meta desse segmento jornalístico era estimular reflexões e mostrar para a sociedade que a mesma estava inserida em um regime de censura em que pessoas eram mortas e torturadas. Kucinski, caracteriza a imprensa alternativa dos anos 70 a 80 como sendo nanica conceituando a partir de quatro significados:

O de algo que não está ligado a políticas dominantes; o de uma opção entre duas coisas reciprocamente excludentes; o de única saída para uma situação difícil e, finalmente, o do desejo das gerações dos anos de 1960 e 1970, de protagonizar as transformações sociais que pregavam (KUCINSKI, 2001, p.05).

No Piauí não foi diferente, durante a década de 70 um variado número de alternativos disseminaram-se por todo o estado.

A imprensa alternativa no Piauí

A década de 70 foi marcada por vários acontecimentos que marcaram época e ficaram gravados na memória de todos os que fizeram parte do movimento. Não só

fatos políticos como também aspectos socioculturais são responsáveis por inserirem pensamentos e reflexões sobre fatos que aconteciam no país.

Como uma alternativa de inserir na sociedade um desejo por mudanças e vontade de lutar pelos seus direitos, surge o movimento cultural que veio inserido nos jornais alternativos, que abriam espaço para o movimento de contestação política. Isto tem como exemplo o encarte *O Estado Interessante*, que em suas páginas se destinava a críticas diretas ou indiretas ao regime vigente.

No Piauí, o jornalismo alternativo ganha força a partir da década de 1970, a imprensa sofre modificações, onde somente os jornais de caráter informativo, regidos pela censura e com produção cultural dirigida ao consumo de massa se mantém. Surge então a imprensa alternativa com o intuito de preencher um vazio na produção cultural e de conteúdo.

A produção cultural no Piauí era resultante de uma compulsão juvenil de muita vitalidade, que buscava resistir ao sufoco (e os seus reflexos) impostos pelos instrumentos repressivos do regime militar pós-64 e pós-68, que teve como contrapartida econômica o crescimento e o impulso modernizador do “milagre econômico (BEZERRA, 1993, p.11).

No Piauí o movimento surgiu tardiamente, somente no ano de 1972, enquanto que em contexto nacional teve surgimento acentuado desde 1968 em várias partes do país. Dentre os jornais alternativos locais, pode-se ressaltar o “*Gamma*”, o “*Linguinha*”, “*A Hora fatal*”, o “*Chapada do corisco*”, “*O Estado Interessante*” e tantos outros que ajudaram a construir a história daquele momento.

Como os jornais da grande imprensa eram impossibilitados de fazer críticas ao momento político que o país vivia os jornais alternativos piauienses buscavam mostrar o que as grandes mídias não podiam noticiar. Os jornais locais, como o jornal *O Dia*, *Estado*, *A Hora*, *Correio do Piauí*, só retratavam as ações do governo federal que enalteciam o desenvolvimento do país e as inaugurações das obras do governo. Os meios de comunicação viam-se limitados pela censura imposta pelo governo.

No Piauí o jornalismo alternativo surge como um anseio cultural por parte dos jovens teresinenses. O primeiro foi o jornal *Opinião*, lançado em 19 de março de 1970, com edição de José Camilo da Silveira Filho e de Evandro Cunha e Silva. O periódico possuía uma página intitulada “comunicação” escrita por estudantes da época como

Durvalino Couto, Edmar Oliveira, Paulo José Cunha e Fátima Mesquita e outros que seguem presentes nos demais jornais.

Em sequência, surge em junho de 1971, o jornal *Tribuna Democrática*, com circulação aos domingos em Teresina. Em continuação em 19 de fevereiro de 1972 surge o *Gramma* com apenas dois exemplares. A equipe do jornal era composta pelo cartunista Arnaldo Albuquerque, Paulo José Cunha, Carlos Galvão, Edmar Oliveira, Durvalino, Haroldo Barrados, Torquato Neto, Marcos Igreja, Francisco Pereira, Geraldo Borges, Rubem Gordo e Noronha.

Em seguida veio, *O Estado Interessante* de propriedade de Helder Feitosa, com circulação aos domingos. Com o fim do Estado Interessante, surge *A Hora Fatal* também no ano de 1972, dentro do jornal A Hora de propriedade do jornalista Paulo Henrique de Araújo Lima.

Já no ano de 1973 o jornal *Toco Cru Pegando Fogo*, com apenas três edições. O *Chapada do Corisco* surge em 1976, que durou cerca de nove meses. O jornal fazia menção ao nome da cidade de Teresina que muitos chamavam de chapada do corisco por conta da localização geográfica.

Fora da capital, mais precisamente na cidade de Parnaíba surge em 1972 o *Linguinha*, e em 1977 o *Alternativo* e o jornal *Inovação*.

A maioria dos jornais era formada por uma camada de jovens que se mostravam insatisfeitos com os rumos que a imprensa local e a produção cultural vinham levando. Entre os nomes pode-se perceber que há uma repetição, em vários dos jornais como: Edmar Oliveira, Paulo José Cunha, Carlos Galvão, Chico Viana, Arnaldo Albuquerque, Durvalino Couto, Antônio Noronha e outros jovens que em sua maioria pertenciam a classe média da sociedade.

Apesar de tanta resistência, os jornais eram em sua maioria efêmeros, com curta duração. A pouca durabilidade está associada a fatores como a dificuldade financeira para a manutenção do jornal e a dificuldade de manter uma mesma equipe de jornalistas, uma vez que os jornais eram compostos por colaboradores que sem vínculo empregatício contribuía com matérias, artigos e dicas de humor, sem receber nada em troca.

O Estado Interessante

No início da década de 70, surgem em Teresina, alguns jornais inspirados nos periódicos alternativos das grandes cidades. No Piauí, um desses jornais alternativos foi *O Estado Interessante*, criado por jovens de classe média teresinense. Em trechos deste periódico percebe-se que o mesmo se trata de uma continuação da linha editorial do impresso *Gramma*, distribuído em março de 1972. Na página intitulada *Zum Zum*, em meio à abordagem sobre os assuntos cotidianos é exposta a influência do *Gramma*. É notável a informalidade dos colaboradores durante o diálogo que em determinados momentos criticam os costumes e o próprio governo.

Excesso de criação: Esta turma parece que anda com mania de grandeza. Primeiro lançaram a Grama – jornal pra burro; depois fizeram um tremendo show com a Lena Rios (Barradinha para os íntimos). Agora atacam aqui no ESTADO. É potência demais para uma turma só. É por isso que eu vou colaborar com eles (O ESTADO INTERESSANTE, 26 de março de 1972, p.2).

O Estado Interessante surge como um encarte do impresso *O Estado*, de propriedade do jornalista Helder Feitosa. Com veiculação dominical, o caderno foi um dos alternativos piauienses de maior durabilidade. Foram 15 edições, tendo início no dia 26 de março a 16 de julho de 1972, com variação de 7 a 14 páginas. Os colaboradores eram Edmar Oliveira, Antônio Noronha Filho, Marcos Igreja, Alberoni Lemos, Carlos Galvão, Arnaldo Albuquerque. Havia material enviado por Paulo José Cunha e Durvalino Couto Filho de Brasília.

O nome do suplemento faz referência a imagem da capa desenhada por Arnaldo Albuquerque. Uma mulher grávida representava um “estado interessante” na época. A ideia da gravidez é um trocadilho com “engravidar” a cultura, valorizar as características regionais e trazer estes conceitos para discussão, visto que há uma importação da cultura alheia e mercadológica que, conforme o suplemento não contribuía, com a adição de conhecimento a sociedade.

De acordo com entrevista concedida por Paulo José Cunha, a cultura era o artifício do jornal para protestar:

Na verdade, nunca sofremos censura. Os textos em sua maioria, tratavam da produção cultural. Para entrar nessa seara uma ou outra menção velada à situação de opressão da época saía aqui ou ali. Mas o jornal nunca foi panfletário ou abertamente político, como outras publicações da época, como os “jornalões” alternativos tais como *Opinião*, *Movimento* etc (CUNHA, 2014).

O jornal chegou ao fim após divergências entre o grupo que produzia o suplemento por conta da inserção de publicidade e redirecionamento na linha editorial.

A cultura retratada no *Estado Interessante*

O presente artigo utilizou-se de análise de conteúdo que é compreendida como um conjunto de técnicas de pesquisa cujo objetivo é a busca do sentido ou dos sentidos de um documento (CAMPOS, 2004). Tendo em vista esses sentidos, analisou-se exemplares do periódico *O Estado Interessante*.

Para análise foram utilizadas duas edições (16 de abril de 1972 e a de 11 de junho de 1972) das 15 publicações que o suplemento possui. A escolha de dois exemplares serve para exemplificar o redirecionamento da linha editorial que o suplemento passou com a mudança de sua equipe, mas ainda é perceptível o mecanismo de contestação política e valorização da cultura regional. Durante a análise utilizou-se o método com abordagens descritivas, onde foram anotados vestígios encontrados nos discursos dos sujeitos, bem como de sua maneira de ser, contextualizando palavras e gestos para posterior interpretação dos significados dessas ações (MOREIRA, R SIMÕES, 2005).

Os dois exemplares avaliados contam com 12 páginas, mas a partir da edição de junho o grupo de colaboradores sofreu uma modificação com a saída de Edmar Oliveira e Carlos Galvão. A alteração ocasionou inserções de publicidade e o redirecionamento do conteúdo. É notável que dentro das duas edições continuava a presença de entrevistas, crítica à grande imprensa, valorização da identidade regional, abordagem de cinema e outras artes e o diálogo entre os colaboradores do suplemento com os leitores acerca do cotidiano.

A capa da edição do dia 16 de abril trouxe a mistura do logotipo com o título: “Estado Interessante ou Revista Debaixo dos Caracóis dos seus cabelos”. O título é em referência a composição de Roberto Carlos dedicada a Caetano Veloso, que se

encontrava exilado em Londres desde 1969. Ao desenvolver esse trocadilho com o título, o suplemento demonstra fazer críticas ao governo na margem das entrelinhas.



**Suplemento Estado Interessante do Jornal o Estado, Teresina, 16 de abril de 1972.
 Acervo do Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Comunicação.**

Logo na segunda página desta edição, o caderno comemora um mês de publicação. Através de um diálogo coloquial, com uso de expressões como “tá”. A equipe segue otimista com os ideais de despertar a população para as condições que eram impostas, porém o temor de fechamento da publicação é constante. Observa-se isso por meio da expressão “corre o risco do aborto”, na qual nota-se essa preocupação dos redatores de O Estado Interessante.

A coisa vai. Um mês de gravidez. O Estado Interessante tá ficando cada vez mais interessante. A gente tá contribuindo para a explosão demográfica. Ou melhor, explosão palavróica. A gente já não tem medo da pílula. Da pílula da nudez. A coisa está formada. Só que ainda corre o risco do aborto. Mas é bom ter otimismo e pensar num parto sem complicações (O ESTADO INTERESSANTE, 16 de abril de 1972, p.2).

A temática musical é recorrente no suplemento. Na quarta página, intitulada *Música e Discos*, o grupo artístico Zimbo Trio lança um disco adaptando temas clássicos ao ritmo de samba. O LP é considerado um dos melhores da época, visto o enxugamento na produção cultural por conta do AI 5. Também durante a seção musical, as gravadoras RGE, Caravele e Beverly são acusadas de produzir artistas que imitam outros e assim constroem um sucesso forjado. É o caso de Paulo Sérgio que canta

semelhante a Roberto Carlos e Valdir Floriano que tem estilo e composições que se aproximam do estilo de Valdick Soriano.

E agora é a vez da etiqueta Beverly que resolveu também partir para a apelação: Lançou no mercado um LP com um cantor que aparece na capa do disco vestido com um terno listado, de chapéu, óculos escuros, charuto entre os dedos, além de abotoaduras e pulseiras douradas, um perfeito sócia do Valdick Soriano. Nome do boneco? VALDIR FLORIANO. É isso mesmo. Agora fica a dúvida: Será que existe direção artística nesta gravadora, ou pelo menos bom senso nas pessoas que a dirigem? Será mesmo preciso usar de picaretagem para vender discos? (O ESTADO INTERESSANTE, 16 de abril, p.4)

Com este posicionamento, o suplemento tinha a intenção de se colocar contra as grandes gravadoras fonográficas, apontando que as devidas empresas visavam apenas a obtenção de lucros. *O Estado Interessante* propunha a valorização da identidade regional, e rejeitava os produtos dos grandes produtores capitalistas, uma vez que, fazia parte da chamada Indústria Cultural⁷.

Na página de número cinco, o texto de Carlos Galvão transparece o sentimento de opressão estabelecido pela ditadura. Ao desenvolver o diálogo com o colega Edmar, Galvão fala de maneira melancólica que é mais fácil se tornar apático e submisso ao regime do que lutar. Através disto, ele expõe de maneira irônica as ferramentas para ser omissos criticando o regime. No final, o autor pede desculpas ao leitor, mas ele recorda que tem liberdade para falar tudo, já que o espaço é dele.

Nos textos da sexta e sétima página é perceptível a crítica a sociedade. O texto “Da necessidade de se estar por dentro” aborda a acomodação das pessoas e culpa a herança comportamental dos antepassados e o sistema capitalista, visto como “egocêntrico”. É uma época de mudanças tecnológicas, as informações chegam mais depressa. Para haver mudanças é necessário compromisso da geração atual, ou seja, os jovens. Fica implícita a forma como o suplemento deseja que as pessoas acordem para a situação vigente, modificando-a. Nas entrelinhas, é notável o anseio por romper com o costume inerte de gerações anteriores, ou seja, buscar informações e dialogar com os acontecimentos que circundam a população.

⁷ Entende-se por indústria cultural as críticas feitas pela Escola de Frankfurt à produção em série e a promoção publicitária que geravam uma homogeneização dos padrões de gosto (POLISTCHUK; TRINTA, 2003, p.112)

Se continuarmos com a tendência de acomodação que herdamos de nossos antepassados nossos filhos nos acharão muito mais quadrados do que nós achávamos nossos pais. Nossos filhos terão uma bagagem cultural muito maior que a nossa e não teremos argumentos suficientes nem para entrar num diálogo sincero. A tendência será usar a força como repressão daquilo que queremos conservar e que achamos que estar certo. Quando fizermos isto e acordarmos para a realidade, então, já será tarde. (O ESTADO INTERESSANTE, 16 de abril de 1972, p.6)

A crítica política fica por conta da nona página intitulada “Coluna Marginal”, nos moldes do fixo espaço *Zum Zum*, diálogo entre os membros sobre assuntos corriqueiros. Entre os temas comentados está a crítica a casa do Deputado Figueiredo. O parlamentar de imagem popularesca constrói um patrimônio caro num dos bairros de elite de Teresina, o Jóquei Clube. A intenção de *O Estado Interessante* com a coluna é estabelecer de um modo bem informal críticas diretas aos assuntos que envolvem a capital piauiense, sobretudo política. Utilizando um vocábulo descontraindo, e se apropriando de indagações e expressões, como “né”, o suplemento discorre acerca de problemas sociais e convida o leitor a debater e questioná-los também.

Quanto a nona edição, veiculada no dia 11 de junho de 1972, a capa traz a foto de Luiz Gonzaga e as várias chamadas das outras páginas, como a entrevista com o professor Camilo Filho, a matéria sobre o cantor Terry Winter e a tradicional página *Zum Zum*. Em comparação com a edição passada, é notável que este número adquire características dos periódicos da grande imprensa, como por exemplo o jornal *O Dia*. O visual com chamada de matérias e foto de capa é estável e centrado em relação as edições anteriores. A fragmentação no nome dos colaboradores, com a saída de Carlos Galvão e Edmar Oliveira ocasionou a modificação da linha editorial do suplemento. A publicação conta pela primeira vez com a inserção de anúncios publicitários, como a Caderneta de Poupanças Terra. As críticas tão características do encarte, recebem uma tonalidade mais sutil. *O Estado Interessante* adquire semelhança a um caderno cultural da Grande Imprensa, trazendo dicas de filmes que estão em cartaz, reportagens sobre cineastas, mas sempre ofertando em suas páginas matérias que valorizam a cultura regional.

A matéria “Terry Winter – O produto falsificado” dentro da página quatro que recebe o nome de “Músicas e discos” retoma às críticas feitas a indústria fonográfica do período. Assim como na edição do dia 16 abril, fala-se das gravadoras que produzem

artistas copiando outros, neste caso a Beverly. Winter é um cantor de descendência inglesa que fez sucesso durante as décadas de 60 e 70. O artista canta em inglês o que de acordo com a matéria desvaloriza a identidade brasileira e produz um conteúdo altamente mercadológico.

Na quinta página a esperada entrevista com Luiz Gonzaga, a entrevista perdura por três páginas. E o encontro entre *O Estado Interessante*, com o cantor aconteceu através da Caderneta de Poupança Terra, anunciante do jornal. A conversa foi no gabinete da empresa. A matéria recebeu o título de “A música nordestina é melhor que a sulista”, na qual é feito um traçado da trajetória do artista desde a saída de Pernambuco e a valorização da cultura regional. Gonzaga fala de artistas contemporâneos como Caetano Veloso que conforme o artista “não é Deus, mas escreve por linhas tortas”, comenta Gonzaga elogiando o trabalho do compositor. O artista se coloca contra o cangaço e fala de Lampião de modo negativo, mas afirma que cantava sobre seus feitos por ser comercial.

“Uma nova Escola de Literatura”, texto localizado na página oito, se propõe a construção de uma nova Escola Estética. Trata-se do “Intermarelhista” que consistiria na fusão de todas as outras escolas, como Futurismo, dadaísmo, cubismo. O embasamento teórico envolve correntes como psicologia, filosofia. O objetivo seria mobilizar as pessoas alienadas para despertar e ver a realidade social. Estas pessoas seriam os consumidores da grande mídia, como os telespectadores do programa Flávio Cavalcanti e novelas. Após aglomerar este contingente, se visa fazê-los acordar, ler e pensar. Nota-se mais uma vez o intuito do suplemento de estimular a formação de um público mais intelectualizado e reflexivo.

Em suma, o objetivo essencial do Movimento Intermarelhista é levar o povo a ler, estudar e pensar (há muita gente aí com o raciocínio enferrujado. Também pudera água parada corrompe-se (O ESTADO INTERESSANTE, 11 de junho de 1972, p.8).

Por meio do suplemento *O Estado Interessante* constata-se a existência de um espaço para a crítica ao sistema educacional, através da entrevista com o Professor José Camilo Filho. No texto é abordada a construção da Universidade Federal do Piauí (UFPI), ocorrido no início dos anos 70. Apesar dos avanços como a implantação de departamentos de educação, o vestibular unificado, o periódico denuncia a carência de bibliotecas e o arcaísmo da estrutura em relação ao resto do país.

Assim como outros periódicos alternativos da época, *O Estado Interessante* se propunha a atuar como um porta-voz da sociedade. O suplemento sofreu com mudanças editoriais e até a inserção de publicidade, fugindo da proposta inicial, mas continuou demonstrando contestação a situação política vigente nas entrelinhas de seus textos, dando enfoque a cultura, como um valor social que deve ser preservado e cultivado.

Considerações Finais

Nesse período em que o país passava por uma forte repressão a todas as formas de expressão contrárias ao governo, vê-se aflorar o nascimento do jornalismo alternativo que ganha força na década de 70 em todo o Brasil. No Piauí não foi diferente, apesar de ter começado, tardiamente, em relação aos demais estados, existiram jornais que ficaram marcados na história do Piauí e que serviram de reflexão para a sociedade da época.

Um deles foi *O Estado Interessante*, que surge como uma alternativa para os anseios da sociedade teresinense que vivia presa nos costumes que lhes eram impostos. É interessante ressaltar que nesse período a maioria dos jornais alternativos da época tinha pouca duração. Os jornais enfrentavam problemas financeiros e se auto sustentavam.

Nas duas edições que utilizamos como análise na pesquisa, é possível notar a presença marcante de um importante espaço destinado a cultura, o que era de grande relevância já que todas as formas de expressão eram proibidas.

Apesar de curta a duração do jornal analisado, os meses de existência foram cruciais. Suas abordagens eram interessantes por conta da forma que tratavam os assuntos, cada jornal contribuiu tanto com a criatividade como na forma de agir e de se comunicar. Não haviam medidas na hora de informar, cada colaborador escrevia o que queria. Percebe-se a importância dada aos leitores com a criação de uma página chamada “Boca do Povo” destinada a colaboradores externos.

A liberdade de expressar e poder abordar qualquer assunto, que se observa nos textos do jornal, serviram e servem de inspiração até hoje. Se não fosse esses jornais de resistência, fatos marcantes da época estariam perdidos e muitos não teriam sido mostrados como realmente aconteceram.

Referências bibliográficas

BEZERRA, J. P. **Anos 70**: por que essa lamina nas palavras? Teresina: FCMC, 1993.

BRANDÃO, W. N. **Mitos e lendas da política piauiense**. Teresina, 2006.

CAMPOS, C. J. G. -**Método de Análise de Conteúdo**: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. Análise de conteúdo: técnica de elaboração. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v57n5/a19v57n5.pdf>>. Acesso em: 29/07/2014.

GOMES, S. **História do Brasil**. 2002.

Imprensa Alternativa: apogeu, queda e novos caminhos. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2005. 80 p (Cadernos da Comunicação. Série Memória; v.13).

KUCINSKI, B. **Jornalistas e revolucionários**: nos tempos da imprensa alternativa. 2ª Ed. São Paulo: USP, 2001.

MIRANDA, M. F. dos R. **DO RISO AO GRITO**: a atuação dos jornais Gramma e Chapada do Corisco, na década de 1970 em Teresina-PI. 2013. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social)- Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2013.

NETO, A. **Geografia e História do Piauí para estudantes**. 6ª Ed. Teresina 2010.

MOREIRA, W.; SIMÕES, R.; PORTO- **Análise de conteúdo**: técnica de elaboração e análise de unidades de significado. Disponível em: <<http://xa.yimg.com/kq/groups/25803251/141669913/name/an%20Anlise+do+conte%20C3%BA+do+1.pdf>>. Acesso em: 29/07/2014.

POLISTCHUK, I.; TRINTA, A. R. **Teorias da comunicação**: o pensamento e a prática da comunicação social. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

ROMANCINI, R.; LAGO, C. **História do jornalismo no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2007.

Depoimento:

CUNHA, P. J. Depoimento concedido por *e-mail* a Edison Mineiro em: 22/07/2014.

Jornais:

JORNAL O DIA, Teresina, 03 já. 1972.

O ESTADO INTERESSANTE. Teresina (PI) –26 de março de 1972. Jornal Semanal/ Circulação Regional.

O ESTADO INTERESSANTE. Teresina (PI) –16 de abril de 1972. Jornal Semanal/ Circulação Regional.

O ESTADO INTERESSANTE. Teresina (PI) –11 de junho de 1972. Jornal Semanal/ Circulação Regional.